

PAUSA

PROGRAMADA

ECONOMIA EM MARCHA LENTA, AUMENTO DA EXPECTATIVA DE VIDA E POUCA VONTADE DE SE APOSENTAR IMPULSIONAM A TENDÊNCIA DOS **PERÍODOS SABÁTICOS** EM CARREIRAS BEM-SUCEDIDAS. VAI ENCARAR?

Por ALEXANDRE TEIXEIRA

“É DIFÍCIL PARAR QUANDO SE ESTÁ

acostumado à adrenalina”, reflete o publicitário Marcelo Serpa, o mais premiado do Brasil, entre uma sessão de surfe no reef break de V-Land, uma onda direita clássica do Havaí, e uma tarde no ateliê montado na casa que construiu há seis anos no North Shore da ilha de Oahu. “Mas é importante fazer essa pausa, olhar para dentro de si mesmo, ver as suas angústias, o que te dá tesão, o que não te dá mais tesão, reavaliar tudo e depois voltar, talvez com uma cabeça completamente diferente, preparado para coisas novas.”

Serpa, ex-AlmapBBDO e dono de uma coleção de mais de 160 Leões em Cannes, está desde julho no Havaí, lendo, pintando e surfando. Ficar lá pelo menos um ano. Realizando, aos 53 anos, o sonho acalentado desde os 30 de desligar por uns tempos da “velocidade frenética de São Paulo” e ir morar na praia. E que praias! Além de habitué de V-land (que já foi uma das preferidas de Eddie Vedder, o cantor do Pearl Jam), tem surfado em Sunset (famosa pelas ondas gigantes no inverno) e Rocky Point (um dos destinos mais fotografados de Oahu). “Surfo com amigos aqui do Havaí [o big rider Danilo Couto é um deles] e muitas vezes sozinho”, conta. >

MARCELO SERPA

HAWAII 5.0

“Estou lendo os livros que não conseguia ler e pintando.” É assim que Marcelo Serpa responde quando lhe perguntam o que foi fazer no Havaí. Ex-presidente da AlmapBBDO, uma das maiores agências do país, ele sempre pintou, mas usava telas e tintas mais para relaxar. Desta vez, está focado. Pinta e pega muita onda – o que explica o retiro no Havaí. Serpa surfa desde moleque e tinha vontade de se testar no paraíso das ondas. “É como se um católico fervoroso comprasse uma cobertura em frente à Piazza di San Pietro”, afirma. Sua rotina é invejável. Acorda, leva os filhos à escola, compra o que precisa para a casa e vai para seu ateliê, onde começa a pintar às 10 horas – se não tiver onda. Se tiver, surfa primeiro e pinta depois, até o fim do dia. Serpa está com 53 anos e ficará ao menos um ano no Havaí. E depois? “Estou pensando, mas, mais do que isso, estou curtindo meu momento agora, com um prazer superior ao que imaginava que fosse ter.”



QUANDO SAI DO MAR, Serpa se tranca em seu ateliê, onde diz estar “pintando a sério”. “Pretendo expor os quadros se sentir que eles têm algum valor além do puro prazer que sinto ao pintá-los”, afirma, com a tranquilidade despreocupada a que aderiu. A relação com a família também mudou de patamar. Agora, como diz, ele não precisa mais trabalhar como um chinês de fábrica, virando noites, em um mercado extremamente competitivo. A experiência está sendo melhor do que ele esperava. “Estou sentindo um tremendo prazer na desaceleração.”

Celso Loducca, outro premiado publicitário brasileiro, também apertou recentemente o “pausa” em sua carreira. Loducca, por sua vez, divide o tempo entre São Paulo, onde comanda um programa de “slow talk” com convidados eruditos, e sua fazenda no interior de São Paulo, na qual se dedica ao adestramento de cachorros e à criação de cavalos. Quando não está ao volante de sua Rural Willys, quase igual à que pertencia ao avô que lhe ensinou a dirigir, Loducca pode ser visto montado em um de seus vários animais. “Tenho uma relação meio maluca com eles. Não gosto de falar porque parece meio besta, mas entendo os cavalos e os cachorros”, diz. “É perigoso falar sobre isso, porque parece que sou um cara meio bobão, mas não sou.” Loducca acredita também que conhecer os animais pode ajudar a lidar com pessoas. Parece viagem? Ele não liga a mínima. “Estou gostando mais da minha rotina do que imaginei. Achei que ia sentir muita falta da agência [a Loducca, que fundou, liderou por 20 anos e vendeu em 2015], mas não sinto”, conclui.

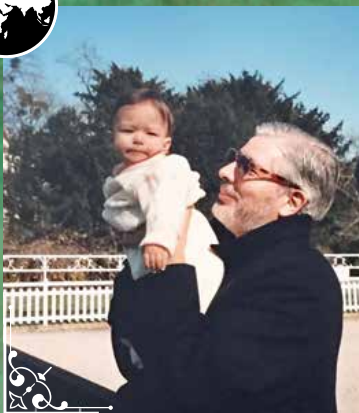
As experiências de Serpa e Loducca jogam luz sobre uma tendência ainda pouco visível do trabalho contemporâneo: a renascença dos sabáticos, períodos de afastamento temporário do trabalho que estiveram em voga nos anos 1990, até a primeira bolha “pontocom” dar novo senso de urgência a profissionais do mundo todo.

Três fatores divergentes explicam o movimento: economia global

A PAUSA EM CARREIRAS BEM-SUCEDIDAS É UMA PREPARAÇÃO PARA UM BOM SEGUNDO TEMPO NA VIDA PROFISSIONAL

em marcha lenta desde 2008, aumento da expectativa de vida e obsolescência de um desejo clássico do ser humano: a aposentadoria. Eles sugerem que há menos oportunidades profissionais a explorar, num momento em que homens e mulheres saudáveis e motivados decidem que não é de pijama que pretendem passar as últimas décadas de suas vidas. Como solução, ganha força a tendência das pausas programadas em carreiras bem-sucedidas, como preparação para um segundo tempo a ser jogado com todo fôlego.

Neste cenário, é útil revisar lições de brasileiros que já tiveram essa experiência. O que é um sabático digno do nome? Quando vale >



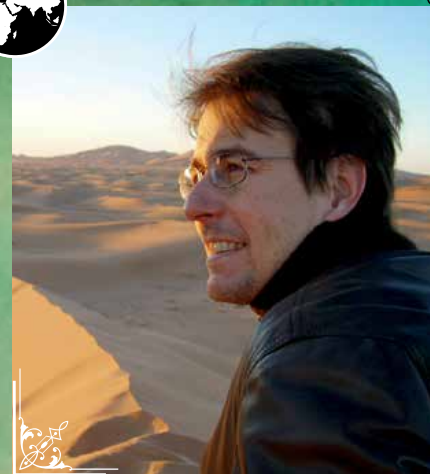
LUIZ SEABRA UM TÔNICO CONTRA A ALIENAÇÃO

Luiz Seabra, aos “40 e poucos anos”, decidiu que ao chegar aos 50 se afastaria do dia a dia da Natura, empresa que fundou em 1969. E um período sabático serviria para concretizar essa transição. “Para desinvestir minha alma do projeto Natura e poder buscar outras expressões da beleza”, como prefere dizer. O primeiro período fora da Natura foi em 1994 – seis meses passados em Paris. Lembranças da temporada? Livros e reuniões com amigos. “Morei primeiro no 2º Arrondissement [na margem direita do Sena] e, posteriormente, no 7º Arrondissement [próximo à Torre Eiffel]”, conta. Outros dois sabáticos vieram mais tarde. Em 1999, ele foi para Londres e lá viveu por dois anos. Repetiu a dose entre 2005 e 2008. Seabra recomenda períodos sabáticos a todo profissional que tenha condições materiais para desfrutá-los. “Uma das boas descobertas que temos para fazer nesta nossa vida é que, mais do que viver, estamos aqui para conviver”, declara.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

RICARDO LACERDA ANCORADO, PRECOCE E SEM PIJAMA

Quando encerrou seu ciclo como presidente do banco de investimentos do Citibank no Brasil, no início de 2009, Ricardo Lacerda ouviu um pedido comum em situações desse tipo. “Me pediram para ficar disponível e ajudá-los até o segundo semestre”, lembra. Por isso, ao invés de percorrer longas distâncias, focou em pequenas viagens, “para descansar, refletir e pensar no que fazer na próxima fase profissional”. A mais marcante foi uma ida ao Marrocos. “O ponto alto foi Uarzazate, apelidada de porta do deserto. Fiquei cinco dias numa tenda, andando pelo deserto.” Ele tinha, então, 41 anos, ou seja, era bem jovem. Em boa medida, porque as carreiras nessa área costumam ser mais dinâmicas – e a dele foi especialmente acelerada. Com 33 anos, era presidente do Goldman Sachs. Sua história mostra que o sabático não é para quem está no fim da carreira. Encerrado o período, Lacerda começou um negócio chamado BR Partners, hoje um banco de investimentos com R\$ 280 milhões de capital e R\$ 4 bilhões em ativos sob gestão. “São poucos os momentos como esse [do sabático] na vida”, afirma. “Quem tem a chance, não deveria desperdiçar.”



“SÃO POUÇOS OS MOMENTOS COMO ESSE [DO SABÁTICO] NA VIDA. QUEM TEM A CHANCE, NÃO DEVERIA DESPERDIÇAR”



LUIZ MARCELO MONCAU ESTUDO, AVENTURA E DOLCE FAR NIENTE

Luiz Marcelo Moncau é diretor de Marketing e Operações da Microsoft para a América Latina. Talvez não fosse, se não tivesse feito uma pausa estratégica na carreira quando ocupava o mesmo cargo no Brasil. Oito anos atrás, ele tirou um período sabático de três meses que, segundo diz, o reenergizou o bastante para renovar seu compromisso com a empresa na qual já trabalhava havia uma década. Ao final, voltou ao mesmo cargo que tinha antes, ficou mais cinco meses na posição e, na sequência, assumiu a gerência geral da empresa no Chile. “De algum modo, o sabático me preparou para aceitar um cargo mais complexo”, diz. Ele dividiu o sabático em quatro partes de três semanas. Na primeira, participou de um programa de General Management do Insead, em parceria com a Fundação Dom Cabral. Parte no Brasil; parte na França. Foi uma fase introspectiva, sem a família por perto. No período seguinte, fez uma viagem pela França e a Espanha com a mulher e o filho. Outras três semanas serviram para uma viagem de “aventura e cultura” na Ásia, só com a esposa, passando por China, Nepal e Butão. A parte final foi curtida em casa. Puro dolce far niente.



CELSO LODUCCA

O HOMEM QUE AMAVA OS CACHORROS

Celso Loducca criou e liderou por 20 anos a agência de publicidade que levava seu nome. Até que, em 2015, resolveu exercer a opção de venda de sua parte e se desligou de vez. Decidiu passar alguns meses espalhecendo, fazendo “coisas malucas”, como um curso de adestramento de cães. Muito útil para quem, como ele, é dono de 13 cachorros. “Agora tenho diploma de adestrador”, diverte-se Loducca, que também cria cavalos em sua fazenda. Mas a verdade é que ele tem um ímã que o mantém em São Paulo. “Tenho um programa aqui”, diz, no café da Casa do Saber, da qual é sócio. “Quero ser o Jô Soares e a Marília Gabriela. Uma mistura, do meu jeito.” Um jeito que valoriza a desaceleração do tempo e das conversas. Aos 58 anos, tem quatro filhos e três netos, que gosta de ter por perto. “Amanhã vou levar dois ao cinema”, contou animado, em plena terça-feira. “Essa é uma coisa fantástica que não podia fazer antes. Não tinha este tempo.”



FOTO: RICARDO CORRÊA

PRODUÇÃO DE FÓTOA: GUILHERME E LILI GARCIA

a pena tirá-lo? Como se preparar para ele? As respostas aqui reunidas, sejam de um ícone do empresariado como Luiz Seabra, fundador da Natura, sejam do banqueiro Ricardo Lacerda, fundador da BR Partners, convergem para o mesmo ponto: depende. Do momento de carreira de cada um e dos planos para o futuro.

“Sabático é um momento da sua vida que você deve tomar para si, pedindo emprestado às pessoas que estão a seu lado, família, negócios ou clientes, um tempo que lhe pertence”, define o consultor Herbert Steinberg, fundador da Mesa Corporate Governance. Esse tempo é melhor usado se a pessoa o aproveitar para exercer uma vocação que não pôde exercer antes.

O IDEAL É PENSAR O SABÁTICO COMO UM PROJETO QUALQUER, COM OBJETIVO, PRAZO E ORÇAMENTO

“MUITOS CHAMAM DE SABÁTICO um período que não escolheram ter”, nota o consultor Alexandre Fialho, ex-presidente da firma de headhunting Korn/Ferry e atual sócio da Filosofia Organizacional. Para não dizer que estão à procura de emprego, executivos demitidos recorrem à imagem do sabático. Empresas de outplacement, especializadas em recolocar profissionais demitidos no mercado, às vezes sugerem um período de transição que pode se transformar num sabático. Em outras ocasiões, chegam a desaconselhar a pausa na carreira. “Depende da personalidade e do momento de vida de cada um”, diz Karin Parodi, CEO da Career Center, uma das principais consultorias desse ramo. O ideal é fazer planos como se fizesse um projeto empresarial, com objetivo, prazo e orçamento.

Uma década atrás, um profissional que sugerisse parar de trabalhar por um tempo para se reciclar receberia o conselho de fazer isso após a aposentadoria. “Hoje não é essa a realidade, até porque as pessoas querem ser produtivas até os 80 anos”, diz o headhunter Igor Schultz, sócio da Flow Executive Finders. “Querem realizar sonhos enquanto têm energia.” Segundo ele, ainda há resistência aos sabáticos nas empresas brasileiras. Mas há exceções interessantes.

A Microsoft tem um programa sabático com licenças remuneradas de até oito semanas para executivos que ocupam posições de alta liderança e têm mais de dez anos de casa. Outra iniciativa é o Sabático Social da SAP, que oferece mentoria de experts da empresa em diferentes países, durante um mês, para instituições e ONGs selecionadas. Há ainda o caso da Basf, que oferece uma licença de até 12 meses a qualquer funcionário que esteja na empresa por mais de três anos.

Seja qual for sua motivação, o importante é ter claro que sabáticos visam ao desenvolvimento. À reflexão. Não são férias estendidas. São sonhos realizados. **ca**